



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

7569 - Trabalho Completo - 14a Reunião da ANPEd – Sudeste (2020)

ISSN: 2595-7945

GT 17 - Filosofia da Educação

FILOSOFIA PARA CRIANÇAS EM ESCOLA DO ENSINO FUNDAMENTAL EM SÃO JOÃO DEL -REI/MG

Sônia Mara de Carvalho Silva - UFSJ - Universidade Federal de São João Del Rei

Giovana Scareli - UFSJ - Universidade Federal de São João Del Rei

FILOSOFIA PARA CRIANÇAS EM ESCOLA DO ENSINO FUNDAMENTAL EM SÃO JOÃO DEL REI/MG

Em 2014 a escola estadual onde trabalho, recebeu o “*Programa de Extensão Comunidade de Investigação Filosófica*” (CIF), do Laboratório de Educação em Filosofia (LAFIL), pertencente ao Departamento de Filosofia, da Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ). De acordo com o projeto apresentado à equipe pedagógica da escola, “o objetivo do programa, ao inserir a filosofia na vida dos alunos, é desenvolver a capacidade investigativa através do exercício do perguntar, levantar hipóteses, argumentar em favor de hipóteses ou posições e, principalmente, repensar os posicionamentos quando se perceber a insuficiência da argumentação. Dialogar, ao invés de simplesmente polemizar, a partir do bem ouvir a argumentação dos outros”. Isto porque, segundo Matthew Limpan (1995), o processo educacional não prepara as crianças para que possam raciocinar efetivamente e suas experiências escolares não estão contextualizadas, de modo a oferecer para os alunos um atraente conjunto de significados.

Lipman (1995), foi o criador do Programa de Filosofia para Crianças e, nessa perspectiva, transformou a sala de aula numa “Comunidade de Investigação” com a participação ativa das crianças no diálogo sobre os conceitos de fundo de nossa existência e dos problemas comuns do cotidiano. Baseado nas ideias de Lipman, o CIF, transformava a sala de aula desta escola estadual em uma “Comunidade de Investigação”. Os encontros aconteciam semanalmente, na própria sala de aula do 3º ao 5º ano do ensino fundamental, e era conduzido pelos estagiários e voluntários do LAFIL/UFSJ, utilizando materiais problematizadores como narrativas, contos, artes, filmes, imagens e jogos que aguçavam a sensibilidade dos estudantes para dar início à discussão filosófica.

Como professora regente da escola onde este programa foi (e ainda é) desenvolvido, e lecionando durante dois anos consecutivos, em turmas que participavam do Programa, não foram apenas os alunos que foram tocados, algo em mim também foi despertado a partir desses encontros. Ao refletir sobre a minha prática pedagógica, observei a inquietação dos alunos, a espontaneidade e desenvoltura para expor seus pensamentos e opiniões sobre assuntos que surgiam durante as aulas e percebi alguns reflexos desse trabalho filosófico como facilitador na troca de experiências em sala de aula.

Ao começar investigar algumas pesquisas sobre escolas que já desenvolviam o

programa da comunidade de investigação filosófica, conheci Walter Kohan (2012), por meio do projeto desenvolvido com crianças e adultos no município de Duque de Caxias/RJ. Este trabalho apresenta essa experiência, por meio de depoimentos de professores, que foram envolvidos no projeto, por meio de falas e poesias de estudantes, e de textos dos professores da escola e da universidade. Na publicação, é possível ver os frutos do projeto de Filosofia com crianças em uma escola pública do Rio de Janeiro, o que nos leva a acreditar que é possível apostar no pensamento, também nas escolas públicas.

A experiência vivenciada por mim, professora regente da escola pública mineira e as experiências vivenciadas pelos professores de Duque de Caxias, despertaram meu interesse pela pesquisa que estou desenvolvendo, questionando quais foram os impactos deste Programa de Extensão na prática dos professores dos anos iniciais do ensino fundamental, na escola estadual de Minas Gerais, onde leciono.

A metodologia utilizada para essa pesquisa é um Estudo de Caso (YIN, 2005), realizado com duas professoras da escola, cujas turmas foram envolvidas no Programa. Também são utilizados como instrumentos para a produção de dados, entrevista semiestruturada, que estão sendo trabalhadas por meio da análise de conteúdo (BARDIN, 1977) e discutida a partir dos trabalhos de Lipman e Kohan, nossos principais interlocutores.

Para as entrevistas, tivemos a preocupação em deixar com que as entrevistadas pudessem falar à vontade de sua experiência com o programa. As entrevistadas são professoras regentes da escola, e tem suas turmas atendidas pelo programa. Ao ser questionada sobre o que mais chamou a atenção no CIF o que sentiu no primeiro contato e se ficou interessada, a Profa. Suzana, responde: *[...] eu gosto muito de autonomia de aluno. A nossa escola é de alunos que não aceitam autoridade com facilidade. [...] permitir que o aluno ande que ele se manifeste corporalmente [...] porque eu achei que era um outro tipo de aula, não era a que eu dava de passar conhecimento, [...]. Então esse momento que eu não tinha tempo para fazer, a filosofia faria para mim.*

[...] uma aula onde eles poderiam falar [...] Para Lipman (1995, p.133), “A filosofia começa quando podemos discutir a linguagem que usamos para discutir o mundo”. A criança precisa expor seus pensamentos e emoções de maneira ativa, através de um diálogo aberto com o mundo que a rodeia. E no momento que ela está em sala de aula, “lá” é seu mundo, lugar de viver experiências significativas, momento de construção do conhecimento, de experimentar situações que as conduzam externalizar esse sentimento através da linguagem. A partir das reflexões de Lipman e Kohan, a filosofia para/com crianças auxilia o aluno a pensar por si mesmo, manifestando-se com a própria opinião, construindo sua autonomia como uma pessoa ativa e participativa. A CIF valoriza a linguagem corporal do aluno, como forma de comunicação e interação nos diálogos promovidos durante as aulas. Há crianças onde a expressão corporal, é o meio mais espontâneo para participar de uma discussão, não usam a oralidade por timidez ou medo em serem compreendidos.

A escola deveria ser o lugar de experimentação, interação, conversação, diálogo e aventura. Momento onde cada aluno, poderia, a partir das experiências vivenciadas, construir seu conhecimento e formação. Lugar, onde ele teria a liberdade em ser e não apenas receber os conhecimentos “passados” pelos professores regentes, com objetivo de garantir um “lugar” na sociedade capitalista. “Experimentar”, essa deveria ser a palavra de ordem, para todos que chegam ao espaço escolar. Porém, penso que essa não é a nossa realidade. O currículo proposto para os anos iniciais é bem extenso, o professor é obrigado a cumprir prazos e metas, que muitas vezes não condizem com a realidade e a diversidade, presente na sala de aula. Essas cobranças sistemáticas, engessam a prática pedagógica, porque o professor é “cobrado” a

apresentar resultados quantitativos. Ele fica sobrecarregado a tal ponto, que sua prática pedagógica se torna mecanizada, a fim de cumprir com os conteúdos propostos do currículo, dentro do prazo letivo estipulado. Diante de tais cobranças, como fica o diálogo e a troca de experiências? E o tempo para experimentar, errar e aprender com as diferenças? O professor, já cansado, sente-se frustrado e muitas vezes silenciado. Um sentimento de impotência, diante de um sistema tão grande. Na escola somos muitos, mas todos têm sua singularidade, seu tempo, e uma vida fora dela, que faz parte da formação individual e plena, que deve ser respeitada e levada em conta por aqueles que são responsáveis em elaborar as políticas públicas voltadas para a escola.

Um programa como o da CIF na escola, vem como a brisa em dia de sol quente, pois, é um programa que permite que a escola interrompa esse tempo mecanizado, entre aulas e provas e abra um espaço para, de fato, se tornar um lugar de experiências.

Palavras-chave: Comunidade de investigação. Filosofia para crianças. Prática Docente.

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

KOHAN, Walter O.; OLARIETA, Beatriz F. (Org.). **Em Caxias, a filosofia en-caixa? A escola pública aposta no pensamento**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

LIPMAN, Matthew. **O Pensar na educação**. Tradução Ann Mary Figueira Perpétuo. Petrópolis: Vozes, 1995.

YIN, Robert. K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 3 ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.